

“É preciso ter propostas para vencer as eleições”

*Apesar de dizer que
sobra munição,
José Jorge promete
não atacar o
presidente Lula*

DANIEL PEREIRA E TINA VIEIRA
BRASILIA

Escolhido para vice na chapa do tucano Geraldo Alckmin à Presidência da República, o senador José Jorge (PFL-PE) resolveu controlar a língua ferina, que tanto castigou o governo de Luiz Inácio Lula da Silva nas CPIs, e adotar uma postura cautelosa. Apesar de dizer que sobra munição para atacar o petista na seara ética, declara que não partirá para o enfrentamento se assim não determinar o cabeça da chapa, tratado quase sempre como “presidente Alckmin”.

Autor de uma lista com 100 escândalos ocorridos no governo atual, Jorge diz que uma das chaves para vencer a eleição é apresentar propostas ao país. Vestido no figurino de soldado leal, não ousou citá-las durante entrevista a este jornal, realizada minutos depois da decisão do colégio eleitoral do PFL. Outra arma da oposição para derrotar o petista será a propaganda eleitoral na televisão, na qual Alckmin será exposto à exaustão e Lula desmontado, segundo o senador. “Lula era falsão, prometia a Lua e ninguém podia dizer que não fez”, diz.

Ao contrário de suspeitas de pefelistas e tucanos, Jorge afirma confiar piamente na vitória de Alckmin, mesmo considerando Lula um candidato difícil. Também declara estar preparado

para mais quatro anos na oposição se o cenário otimista não se confirmar. Além disso, dá a entender que a oposição não baixará as armas caso perca nas urnas. “Será um governo muito atribulado porque será um governo que já começa no final.”

Gazeta Mercantil - *Caberá ao senhor partir para o enfrentamento com o PT enquanto o ex-governador Geraldo Alckmin apresenta propostas?*

José Jorge - Dependerá do presidente Alckmin e do comando da campanha. Sou um senador da oposição, tenho atuação bastante enfática e posso ter um discurso ou mais ou menos agressivo. Não cabe a mim escolher qual discurso terei dentro de uma campanha que tem de ser uniforme.

Gazeta Mercantil - *Tucanos e pefelistas querem que a chapa oposicionista eleve o tom das críticas ao presidente Lula.*

Jorge - Se me derem a oportunidade de ser mais crítico, exercerei com prazer. Tenho uma lista com 100 escândalos no governo Lula. Tenho que escolher aqueles que atingem de forma mais direta a população, porque esse é o caminho para ganhar a eleição. Agora, isso tudo tem de ser feito de forma integrada. Vamos discutir quais serão as mensagens da campanha, o tom e qual papel o presidente Alckmin quer que eu desempenhe.

Gazeta Mercantil - *Mas, na opinião do senhor, qual deve ser o tom da campanha?*

Jorge - Tem que ter duas vertentes. Uma delas propositiva. Não se pode eleger um presidente da

República apenas mostrando os defeitos do governo anterior. Temos que ter uma proposta clara do que fazer pelo país. E, se não mudar o governante, temos que ser críticos com relação a quem está no poder. Tudo que o governo faz tem sempre um lado ruim, mesmo quando as medidas são boas. Temos de mostrar o lado ruim, porque o governo só mostra o bom. E temos também que criticar aqueles pontos que só têm lado ruim, que são os escândalos, a corrupção. Do ponto de vista ético, o país teve um grande retrocesso no governo Lula. Cabe a nós da oposição tentar estancar e voltar a um movimento de melhoria das condições éticas na política.

Gazeta Mercantil - *Qual o principal obstáculo à frente da chapa da oposição?*

Jorge - É o fato de o presidente Lula já ter sido candidato quatro vezes à Presidência da República, e Alckmin nunca ter sido candidato nacional. Isso dá uma vantagem a Lula, sobretudo antes do início da campanha. A nossa expectativa é de que metade da população não conhece o presidente Alckmin. Então, é necessário que façamos todo um esforço para torná-lo mais conhecido, para quando chegar a campanha, que é um período relativamente curto, mas não tão curto, a gente possa mostrá-lo. Como as condições, por exemplo, na campanha do desarmamento. Antes de começar a campanha

na televisão, 80% eram a favor do desarmamento. Depois, terminou ganhando o não.

Gazeta Mercantil - *O presidente Lula é muito bom de gogó. Alckmin conseguirá fazer frente ao presidente?*

Jorge - Acho que sim. O gogó é mais importante quando você não está no poder. A campanha será bem diferente das anteriores, quando o presidente Lula era falsão, prometia a Lua e ninguém podia dizer que ele não fez. Desta vez, ele não poderá fazer promessas.

Gazeta Mercantil - *O presidente Lula não entregou a Lua, mas o governo atual tem dados melhores do que o anterior em geração de emprego, Bolsa Família, agricultura familiar.*

Jorge - Ele teve uma oportunidade porque o mundo há muito tempo não cresce tanto quanto cresceu no período do governo Lula. No ano passado, o Brasil cresceu apenas 2,3%. É um crescimento pífio em relação a outros países. Isso será demonstrado. O presidente Fernando Henrique Cardoso enfrentou uma situação mundial muito mais difícil. Além disso, o Lula veio depois de FHC, que criou uma série de mecanismos político-institucionais que facilitaram a governabilidade. Hoje, depois do Chile, o Brasil é o país mais organizado de toda a América Latina.

Gazeta Mercantil - *O presidente Lula passou meses lidando com escândalos e denúncias, que foram insuficientes para derrubar a popularidade dele. Por que os senhores acham que*

quando a campanha eleitoral começar a situação mudará?

Jorge - O eleitorado normal não está pensando em eleição agora. A pergunta da hora é: Você acha o Lula bom, simpático? Muitos dizem que sim, porque Lula é despreparado, não governa, mas simpático, convenhamos, ele é. Quando chegar a campanha, a pergunta não será mais se você gosta ou não gosta do Lula. A pergunta será se Lula ganhará mais quatro anos ou não.

Gazeta Mercantil - *E qual será a resposta?*

Jorge - O eleitor pensará num governo que praticamente está nos seus momentos finais, que sofre derrota na Câmara, que não consegue votar no Senado. É um governo que não está governando. Vou dar mais quatro anos para um governo que não governa?

Gazeta Mercantil - *O eleitor também pode não querer dar mais quatro anos para PSDB e PFL, que governaram o país por oito anos?*

Jorge - Os oito anos já passaram. O eleitor pensará no governo que está no poder, não no governo de quatro anos atrás.

Gazeta Mercantil - *A crise de segurança pública em São Paulo pode prejudicar a campanha do Geraldo Alckmin?*

Jorge - Não se pode dizer que segurança pública, sobretudo em casos que envolvem grandes quadrilhas, é uma questão estadual. É uma conjunção nacional. O governo federal não tomou nenhuma atitude em relação à questão policial. Não conseguiu construir presidio nem mudar a

legislação. O que eles fazem, de uma forma demagógica, quando há um grande crime, é oferecer ajuda federal. O governo não deve querer ajudar um estado que está numa dificuldade. Deve se responsabilizar por parte desse trabalho, porque boa parcela do combate à criminalidade era para ser feita em conjunto entre o governo federal e o estado.

Gazeta Mercantil - *Alckmin disse que o estado de São Paulo deveria aceitar a ajuda federal. Já o governador Cláudio Lembo recusou a proposta. O senhor concorda com qual dos dois?*

Jorge - Defendo uma situação intermediária. Ele deveria aceitar não a ajuda federal, mas a responsabilização do governo federal. O governo paulista não recusaria se o governo federal quisesse participar, não só com São Paulo, mas com outros estados, da organização de uma estrutura para evitar o que está acontecendo.

Gazeta Mercantil - *Por que o PFL optou por uma aliança formal com o PSDB? Maior partido do país, o PMDB não indicará o vice de Lula.*

Jorge - Porque a gente acha que o governador Geraldo Alckmin ganhará. Essa é a primeira razão. A segunda razão é que, desde o início do governo Lula, nos comportamos como partidos de oposição. Então, tínhamos que participar de uma chapa de oposição, oferecer nosso tempo de televisão, participar mais diretamente da campanha. O PFL optou por fazer sacrifícios em alguns estados, com algumas alianças, para participar diretamente da chapa nacional.



José Jorge